

Resumo de notícias econômicas

27 de julho de 2021 (terça-feira)

Ano 3 n. 140

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 27 DE JULHO DE 2021

Investimento volta mais rápido que em outras crises

O Estado de S. Paulo

Passado o impacto mais agudo sobre a produção de bens de capital – que inclui máquinas e equipamentos –, estudo do Ministério da Economia aponta recuperação do investimento, que atingiu o percentual de difusão observado antes da crise. Para o economista Cláudio Frischtak, o resultado reflete o represamento dos investimentos, mas ainda há muitas incertezas. Na retomada econômica atual após a recessão provocada pela pandemia da covid19, a recuperação dos investimentos das empresas tem sido mais forte do que nas crises passadas, e a expectativa do governo é que o ritmo se mantenha nos próximos meses. Após um ano do pior impacto da pandemia sobre a produção de bens de capital, o investimento tem se consolidado em vários setores e se espalhado em todas as regiões do País e já atingiu o mesmo percentual máximo de difusão observado antes da crise.

Essa é a radiografia do comportamento dos investimentos no País apresentada pelo Ministério da Economia em estudo que procurou responder à pergunta: o Brasil vai retornar à tendência de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) anterior à crise da covid-19 ou a recuperação vai se transformar num “voo de galinha”?

Elaborado pelos técnicos da Secretaria de Política Econômica (SPE), o relatório indica que a chamada Formação Bruta de Capital Fixo – o quanto as empresas aumentam de investimentos em máquinas e equipamentos – voltou para o nível pré-crise em quatro trimestres, enquanto na recessão da crise de 2008-2009, o investimento retornou para o patamar anterior em cinco trimestres. O estudo chama a atenção para o fato de que a retomada do investimento acontece sem os bancos públicos, como BNDES e Caixa, e sim com financiamento pelo setor privado, inclusive via emissões de títulos das empresas.

“O crescimento está retomando o nível pré-crise, e o principal motor para a recuperação da recessão de 2020 tem sido o investimento”, diz o subsecretário de

Política Macroeconômica, Fausto Araújo Vieira. Segundo ele, a tendência de continuidade de alta do investimento está ancorada na expectativa de investimento dos empresários manifestada em pesquisas de sondagens empresariais para os próximos seis meses. Os dados da construção reforçam essa expectativa. “Esse movimento está relacionado aos efeitos das medidas estruturais e à queda da taxa de juros real”, avalia. O relatório lista cada uma das medidas principais, incluindo reformas estruturais e as relacionadas ao mercado de capitais. “O juro menor dá espaço para o setor privado emprestar sem o governo estar no meio”, destaca.

Com base no histórico de retrações e retomadas da economia brasileira desde a década de 80, o retorno para a tendência não foi a regra, mostra o relatório. Ou seja, o nível do PIB se afastou da tendência de comportamento de crescimento anterior. Essa distância chegou a 19% na crise de 2014/2016, 11% na crise de 1980-1983 e 4% e 8% em 2008-2009. “Mesmo após três anos de recuperação, a economia estava 19% abaixo do nível da tendência anterior do PIB”, explica o subsecretário. Até o primeiro trimestre deste ano, o PIB estava 2% abaixo da tendência linear anterior à crise da covid-19. Os dados do estudo mostram que houve aumento da poupança, mesmo durante a crise, o que não acontecia nas recessões anteriores. Além disso, o aumento dos investimentos tem se espalhado em todas as regiões, com uma ampliação da produção de bens de capital em ritmo superior ao crescimento da produção industrial.

Enquanto a produção industrial acumulou 1,1% de alta nos últimos 12 meses até abril, a produção de bens de capital cresceu 5,1%. Em 2021, a produção de bens de capital acumula alta de 35,6% nos primeiros quatro meses ante o mesmo período do ano anterior, bem acima da taxa observada para a indústria geral de 10,5% no período.

A produção de máquinas e equipamentos (cerca de 38% dos bens de capital) já se recupera fortemente da crise de 2020, com alta de 22,2% para o total do Brasil no mesmo período. O estudo retirou dos dados os investimentos em plataformas petrolíferas para evitar distorções provocadas por importações que, na prática, não ocorreram devido à alteração no regime de tributação diferenciada. O resultado confirma que, no primeiro trimestre, o investimento excluindo as plataformas já está quase 12% acima do nível anterior à pandemia.

Para o economista Cláudio Frischtak, o incremento é reflexo de um represamento dos investimentos porque houve muita incerteza em 2020 e a sustentação desse patamar depende muito da percepção do País. Segundo ele, há muitos elementos de incertezas ainda na economia, incluindo ruídos políticos. “O ano que vem temos o ciclo eleitoral, e ninguém sabe o que vai acontecer”, diz.

Dona do Google, Alphabet lançará empresa de robótica

Broadcast

A Alphabet, dona do Google, anunciou ontem a criação de uma empresa de software para robótica e inteligência artificial, que ganhou o nome de Intrinsic. É a mais nova aposta futurista da companhia, que também investe em áreas como veículos autônomos e biotecnologia. A Intrinsic desenvolverá ferramentas de software para que robôs industriais sejam usados na produção de diferentes produtos, desde painéis solares até carros.

A empresa incubou sua tecnologia na unidade de pesquisa do Google, conhecida como X, ao longo dos últimos cinco anos – a equipe foi formada por várias empresas de robótica que a companhia adquiriu em 2013, quando fez sua primeira grande investida no campo. Apesar de robôs atraírem a atenção do Google há anos, os esforços da empresa se dispersaram e ainda não produziram nenhum sucesso comercial.

“Estamos agora prontos para nos tornar uma companhia Alphabet independente, deixando o ambiente de protótipo para focar em desenvolvimento de nossos produtos e validar nossa tecnologia”, disse Wendy Tan White, presidente da Intrinsic, acrescentando que a empresa está expandindo o time de funcionários.

Não há informações sobre o que exatamente a Intrinsic está construindo e quais serão seus clientes. White se refere às ambições em termos amplos, dizendo que a empresa “vai desbloquear o potencial criativo e econômico da robótica industrial para milhões de outras empresas, empreendedores e desenvolvedores”. A ideia é que o software torne os robôs industriais mais baratos e flexíveis – eles teriam capacidade de aprender e fazer ajustes automaticamente durante as tarefas, para atuar em um leque maior de configurações e aplicações. Várias empresas do Vale do Silício estão de olho em automação e futuro do trabalho.

Com o objetivo de expandir pesquisas e áreas de negócios voltadas à publicidade, o Google criou a Alphabet em 2015 como uma holding que supervisiona várias “outras apostas” da empresa, que incluem a unidade veículos autônomos Waymo e a startup de saúde Verily. O projeto Loon, que visava construir balões para transmitir conexões de internet em áreas remotas, foi encerrado em janeiro

Em 4 anos, o salto da Bolsa

Broadcast

Após anos de tentativas frustradas para popularizar as ações, mercado teve empurrão da queda dos juros e da proliferação de informações sobre o setor, em movimento que coincidiu com a criação da B3 – que, por ora, aproveita sozinha os tempos de bonança. Nunca se falou tanto de Bolsa de Valores no Brasil. Com o juro real (que desconta a inflação) próximo de zero, investir em ações virou papo de mesa de bar. Pode parecer que sempre foi assim, mas a verdade é que o movimento é bem recente. Foi só há quatro anos que surgiu a B3 – fruto da fusão das antigas BM&F Bovespa e Cetip. Desde então, o valor de mercado do negócio mais do que dobrou, passando de R\$ 40 bilhões para R\$ 100 bilhões, enquanto o total de investidores se multiplicou por seis, chegando perto de 4 milhões.

O impulso para a alta do número de investidores foi conjuntural, já que as aplicações de renda fixa ficaram menos atrativas com a queda dos juros. Tanto é assim que, antes do boom atual, a Bolsa tentou várias formas de promover o mercado acionário. De tendas nas praias paulistas e em sindicatos a uma campanha publicitária com Pelé, nada parecia adiantar em um cenário em que o investidor podia ganhar mais de 10% ao ano sem correr risco.

Com a queda dos juros, vieram as plataformas de investimento em Bolsa. De repente, o cliente se viu bombardeado de todos os lados: bancos, casas de análises e corretoras. “O que fez diferença foi o crescimento de plataformas e do mercado de assessores, que levam conhecimento às pessoas físicas”, afirma o sócio da Eleven Financial, Raphael Figueiredo.

O aumento do total de empresas listadas também serviu de incentivo à Bolsa brasileira. Desde o início de 2020, mais de 60 empresas já fizeram ofertas iniciais de ações (IPO, na sigla em inglês), número que ainda vai subir até o fim do ano.

Apesar do crescimento acelerado, a B3, que já esteve na quinta posição entre as Bolsas de Valores do mundo, viu sua posição cair por conta do real enfraquecido, já que esse ranking é feito em dólar. O ranking é liderado pelas americanas Nyse e Nasdaq, gigantes com US\$ 20 trilhões em capitalização das empresas listadas. Na B3, esse valor é de cerca de US\$ 1 trilhão.

Apesar da expansão recente, a B3 ainda navega sozinha no mercado acionário local. A eventual chegada de uma concorrente para a Bolsa brasileira é um assunto recorrente. Nos últimos meses, com rumores de uma nova movimentação para criar uma rival, a B3 perdeu cerca de 28% em valor de mercado. O assunto retornou após a CVM colocar o tema em audiência pública, encerrada há poucos meses. Os resultados dessa consulta ainda estão sendo analisados.

Especialistas acreditam que essa competição virá, mas não na forma de uma Bolsa tradicional como a B3, mas na forma de fintechs que vão focar em serviços específicos de negócio, caso da Mark 2 Market, focada em registro de Certificados de Recebíveis do Agronegócios (CRAs). Professor de Direito Econômico da FGV-Direito, Caio Mario Pereira Neto destaca que a própria regulação pode abrir espaço para a competição, como ocorreu no setor bancário, que hoje é puxada pela atuação das fintechs.

Por outro lado, há uma longa lista de potenciais rivais para a B3 que não prosperaram. A ATS Brasil chegou a fazer um pedido para a abertura de uma Bolsa à CVM, em 2013, mas a ideia acabou não avançando. Mesmo destino teve o projeto da gestora Claritas, em parceria com a Bats Global Markets, operadora global do setor.

Braskem Alemanha pode ser vendida com a dos EUA

Broadcast

O processo para a venda da Braskem pela Novonor (ex-Odebrecht) entrou na fase de seleção das ofertas, já que teria sido decidido o modelo de “fatiamento” do grupo. A unidade da petroquímica na Alemanha pode entrar no pacote americano, que

tem o grupo petroquímico holandês Lyondellbasell como interessado. Existem dúvidas se a unidade mexicana, a Braskem Idesa, será vendida com a operação da companhia no Brasil, nos Estados Unidos ou mesmo separadamente, com a Pemex, a petrolífera estatal daquele país, comprando e integrando o petróleo com a petroquímica. A Novonor detém 50,1% do capital votante e 38,3% do capital total da Braskem. A operação está sendo conduzida pelo banco Morgan Stanley.

No Brasil, os fundos são os maiores interessados pela fatia da Novonor na Braskem. O mais forte candidato a levar a operação local é o Mubadala, fundo de Abu Dhabi que comprou a refinaria Landulpho Alves (Rlam), da Petrobrás, na Bahia. Com grande apetite por ativos no Brasil, a última proposta do fundo foi a oferta de R\$ 1,1 bilhão pelas ações ordinárias da subsidiária Brasil PCH da Renova Energia, que irão a leilão em agosto. O prazo para o recebimento das propostas encerrou em 9 de julho e a venda é esperada para este ano. A Petrobrás, outra sócia na Braskem, com 36,1% do capital total, só deve divulgar qual modelo vai seguir na venda depois de a Novonor anunciar sua estratégia. A Petrobrás pode fazer ou não uso de seu tag along (direito a deixar a sociedade com a entrada do novo sócio), caso a proposta que seria feita pela fatia da Novonor for considerada financeiramente pertinente.

A síndrome do Rinoceronte Cinzento

Broadcast

Presidentes de algumas grandes corporações privadas leram de maneira diferente as iniciativas do governo federal de maior destaque – negativo – da semana. Apesar de a maioria ter visto apenas “mais do mesmo”, há quem comece a apontar incômodo com um possível “rinoceronte cinzento”. A expressão foi cunhada no livro “Gray Rhino”, no qual a autora norte-americana Michele Wuker descreve riscos óbvios que preferimos não reconhecer e aos quais nem conseguimos reagir.

Apesar de a criação do Ministério do Trabalho, com um eventual enfraquecimento do ministro Paulo Guedes dizer respeito à economia, a interpretação foi de apenas uma medida para alocar aliados do Centrão e garantir a sobrevivência do governo Bolsonaro. Guedes não teria perdido poder, diz a maior parte dos ouvidos pela Coluna.

De todo modo, a análise é que a “aproximação do Centrão é uma combinação bem ruim, com a volta a uma política que atrasa o País e inibe investimentos externos”. A preocupação aparece sobretudo entre quem tem perspectivas de abrir capital pela frente.

A sombra do “Gray Rhino” foi citada por apenas um entrevistado, em relação às ameaças à realização de eleições, caso não haja voto impresso. Como as instituições – incluindo outros poderes da República – seguem fazendo seu contrapeso, porém, todos pedem anonimato.

Estatais são gigantes com baixo retorno

Broadcast

Os valores absolutos do desempenho das empresas estatais controladas pela União são impressionantes. Os ativos totais, o resultado líquido e os dividendos e os juros sobre capital próprio pagos ao governo parecem excepcionalmente bons. Muito dessa aparência, no entanto, é apenas ilusão. Quando se afere a rentabilidade dessas empresas, constata-se grande dose de ineficiência e de custo para o setor público.

De acordo com Relatório Agregado das Empresas Estatais Federais elaborado pelo Ministério da Economia, essas empresas receberam R\$ 19,4 bilhões do Tesouro em 2020, mas pagaram apenas R\$ 5,4 bilhões em dividendos.

O Relatório apresenta dados de 46 estatais cuja participação no PIB brasileiro corresponde a 5,3%. A presença de gigantes como Petrobrás, Eletrobrás, Correios, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, entre outras estatais, assegura essa fatia tão grande da economia nacional. Seus ativos totais somaram R\$ 5,3 trilhões no ano passado; o faturamento alcançou R\$ 737,4 bilhões; seu patrimônio líquido somou R\$ 768,8 bilhões; e seu resultado líquido foi de R\$ 60,6 bilhões.

Quando se compara o retorno com o patrimônio líquido do conjunto dessas empresas, o resultado é frustrante. O indicador fica apenas em 7%. Já o retorno sobre ativos (relação entre lucro e ativo total médio) é ainda menor, não passando de 1%. “Isso mostra que a eficiência das estatais é muito baixa”, avalia o secretário especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados do Ministério da Economia, Diogo Mac Cord de Faria.

Na prática, em lugar de propiciar resultados adequados à União, essas empresas travam o desenvolvimento do País, diz o secretário. O que elas têm de participação no PIB representa a fatia da economia “que não conseguimos desenvolver”, completa.

Quanto ao quadro de pessoal, impressionam não apenas o custo da folha dessas empresas, de R\$ 96,6 bilhões no ano passado, mas também a remuneração em algumas delas. Os honorários dos presidentes podem chegar a R\$ 2,9 milhões por ano.

O salário médio dos funcionários da PPSA, responsável pela gestão dos contratos de partilha do petróleo do pré-sal, é de R\$ 34 mil; no BNDES, de R\$ 31 mil. Algumas pagam integralmente o plano de saúde dos funcionários.

Investidor estrangeiro busca empresas de saúde de grande porte'

Folha de São Paulo

Ex-sócia do escritório Tozzinifreire, a advogada Elysangela de Oliveira Rabelo Maurer especializou-se em negócios voltados para as áreas de ciências da vida e saúde. Recentemente, montou escritório próprio, dedicado a casos desses setores, desde questões regulatórias – ligadas, por exemplo, à Anvisa – até grandes fusões e aquisições. Para a advogada, os fundos internacionais e investidores estratégicos permanecem muito interessados no mercado de saúde brasileiro. Porém, Elysangela acredita que ainda faltam ativos grandes o suficiente para encher os olhos de quem tem muito dinheiro para investir. “Há muitos hospitais com uma quantidade de leitos pequena. Apesar do movimento de consolidação que vem ocorrendo desde 2015, falta muito para se chegar ao tíquete de interesse dos grandes investidores internacionais”, afirma.

• Por que a ideia de criar um escritório especializado em saúde?

Tenho trabalhado desde 2006 com fusões e aquisições e assuntos regulatórios nessa área e acho que o setor precisa de um escritório com capacidade de atendimento nessas especialidades de forma combinada. Somos especializados em saúde e em life sciences (ciências da vida). Entre os focos do escritório estarão contencioso, assuntos regulatórios e fusões e aquisições.

- **O setor de saúde dominou o mercado de fusões e aquisições durante vários anos. Ainda há muito movimento de consolidação pela frente?**

O setor farmacêutico sempre foi muito atrativo, tanto para empresas brasileiras quanto para estrangeiras. Vimos alguns desinvestimentos de portfólio de certos medicamentos por indústrias estrangeiras – e aí, via de regra, a indústria nacional entra como compradora. Vimos alguns desses desinvestimentos recentemente, como a venda de uma unidade produtiva da Bayer para a União Química.

- **Mas o movimento ainda está aquém do potencial que o setor de saúde tem?**

A abertura do setor, em 2015, trouxe expectativa enorme de investimento estrangeiro, que não aconteceu – especialmente no setor de hospitais. Ainda existe uma quantidade grande de hospitais com poucos leitos, bem abaixo do múltiplo exigido pelos investidores financeiros, como fundos de private equity. Quando a gente desce para o mercado de médio porte, existem mais oportunidades de hospitais pequenos que fazem ou podem fazer parte do movimento de consolidação. A partir daí, podem se formar conglomerados que venham a ser de interesse do grande investidor.

Copacol foca investimentos em suínos e armazenagem

Broadcast

Com a demanda externa firme por carnes, a cooperativa paranaense Copacol está investindo R\$ 150 milhões em uma unidade produtora de leitões, com capacidade para 10 mil matrizes, e outros R\$ 30 milhões na produção de ração. O investimento será concluído no fim de 2022 e tem a contrapartida dos produtores cooperados, que aplicarão outros R\$ 120 milhões na engorda de animais. A expectativa é de entregar à cooperativa central Frimesa, da qual a Copacol é uma das filiadas, 300 mil suínos a partir de 2023 para suprir a ampliação prevista dos abates. A Copacol, que espera fechar o ano com 6,9 mil cooperados no Paraná, vai investir R\$ 30 milhões em armazenagem. “Queremos aumentar em 50 mil toneladas a capacidade de estocagem de matéria-prima, principalmente milho”, conta Valter Pitol, presidente. A quebra da safrinha deste ano obrigará a Copacol a comprar milho de Mato Grosso, do Paraguai e até da Argentina. “Onde tiver milho vamos buscar até julho de 2022.”

A cooperativa produz mais de 100 mil toneladas de ração por mês. Pitol estima que a exportação de frango da Copacol cresça neste ano de 180 mil para 240 mil toneladas. Volume não absorvido pelo mercado interno irá para Ásia, Europa, Oriente Médio, África e México. “Em 2020, a exportação, entre frango, farelo e óleo de soja, foi de US\$ 460 milhões e em 2021 esperamos passar de US\$ 550 milhões.” O abate de 680 mil frangos por dia deve ficar estável.

A Copacol adquiriu no ano passado uma indústria de peixes em Toledo (PR) e pretende aumentar progressivamente os abates de tilápia na unidade, de 20 mil por dia atuais para 80 mil por dia até 2025. Os cooperados, por sua vez, devem aplicar ao menos R\$ 80 milhões na construção de tanques para ampliar a produção de peixes. Na unidade de Nova Aurora (PR), a capacidade máxima diária de abates, de 150 mil tilápias, já está perto de ser alcançada – a cooperativa prevê atingir, até o fim do ano, 140 mil peixes/dia.

Crescimento na Pecuária

Broadcast

Com o bom momento vivido pela pecuária, a Jacarezinho prevê vender 60% mais touros nos próximos cinco anos, de 2.465 em 2020 para 4 mil animais em 2025. O faturamento com o produto deve triplicar, para esperados R\$ 90 milhões. O otimismo vem da demanda por touros, aquecida com maior retenção de fêmeas e produção de bezerros. A empresa de Marcos Molina, mesmo controlador da Marfrig, deve concluir uma série de investimentos em projetos de irrigação, recuperação de pastagens e genética bovina para ampliar a lotação das fazendas, conta Rafael Zonzini, gerente da empresa. Também há perspectiva de vender mais sêmen e embriões bovinos, cuja procura e preço médio estão aumentando. Em 2020, a comercialização de sêmen pela Agropecuária Jacarezinho cresceu 25%, com faturamento de R\$ 1,8 milhão.

Tecnologia e diminuição dos custos nos vinhedos

Broadcast

Com uso da tecnologia IOT (internet das coisas), o custo de produção em vinhedos do Sul do País caiu de 15% a 20%. Duas das mais tradicionais vinícolas do Rio Grande do Sul, a Casa Valduga e a Casa Perini, instalaram sensores para monitorar fatores como umidade do solo e irrigação, tecnologia trazida da Itália pela Agridecision em parceria com a Arqia, empresa do Grupo Datora especializada em IOT. Fabrizio Gambarini, CEO e fundador da Agridecision, explica que, com informações mais precisas sobre condições de solo, o uso de produtos como adubos ou defensivos passa a ser feito apenas no momento e nas áreas em que é necessário. “Em função dessa tecnologia de gestão há um menor número de aplicação de substâncias químicas”, diz ele, o que melhora a “qualidade da plantação, semeadura, manutenção, colheita e produção”.

Tecnologia e diminuição dos custos nas Usinas de Açúcar e Alcool

Broadcast

Um robô substitui a mão de obra nos trabalhos de solda em moendas de cana-de-açúcar do Grupo São Martinho. A inovação, da Duo Automation, deve levar a uma economia anual de até 50% no gasto com eletrodos (usados no processo), o que representa uma média de R\$ 450 mil para usinas que moem 3 milhões de toneladas/ano. Trabalhadores da São Martinho que faziam essa função foram realocados para serviços de caldeiraria, que eram terceirizados.

Assessoria de Comunicação – Sedet
Fone: (85) 3444.2900
www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão; Atualizado em 17/06/2021.

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUN)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.071,64
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.540,16
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-468,52

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até maio)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,18
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	89,31

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até Maio) (base: igual mês ano anterior) (%)				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,7	2,8	-22,1	25,3
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,3	-3,1	-11,7	2,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,6	-0,8	-17,8	5,1
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	5,0	2,8	-17,2	19,2
INFLAÇÃO (Acumulado até Maio)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA -BRASIL	3,75	4,31	4,52	3,77
IPCA -FORTALEZA	2,9	5,01	5,74	5,11
INPC	-	4,48	5,45	3,95
IGP-M	7,54	7,3	23,14	15,08

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
	4.088	4.185	3.808	3.631
Força de trabalho (mil)	(56%)	(56%)	(50%)	(48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até junho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.888	1.547.833
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.922	8.829.593
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.633.520	48.866.892

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

CADASTRO GERAL DE DESEMPREGADOS E EMPREGADOS DO CEARÁ (JAN-MAIO)		
Indicadores	2020	2021
Contratações	136.612	182.814
Demissões	181.915	158.869
Saldo de Empregos Gerados	-45.303	23.945

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (JAN - JUN)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	35.121	40.957	38.404	55.775
Fechamento	57.673	15.613	13.265	17.844
Total	-22.552	25.344	25.139	37.931

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (JAN-JUN)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	8.594.172	7.416.995	8.025.916	10.038.097

Fonte: CIPP